



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

O BRASIL DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX NAS TELAS DE JEAN-BAPTISTE DEBRET

Raquel Meller Victor¹; Giselle Rodrigues²

¹Acadêmica do Curso de História, UNICESUMAR, Maringá-PR. Bolsista do PROBIC/EAD-UNICESUMAR

²Orientadora, Mestre, Curso de Licenciatura História da UNICESUMAR

RESUMO

A arte é uma das maneiras do homem se comunicar e se conectar com as pessoas, com o mundo. É também uma forma de transmitir sentimentos, ideias e pensamentos, assim como formalizar e perpetuar mitos, culturas, tradições e a História ao longo do tempo. Este trabalho interdisciplinar buscou compreender a História do Brasil do início do século XIX aliando Arte e História e tendo como fonte principal o trabalho de Jean-Baptiste Debret: *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839). Debret foi professor de História e artista francês, que compôs a Missão Artística Francesa que chegou ao Brasil no ano de 1816 a convite de D. João VI e veio para criar a Academia de Belas Artes. Desse modo, fazemos o uso das telas de Debret para compreender todo um cenário histórico, analisando sua obra *Viagem Histórica e Pitoresca ao Brasil*, que fora dividida em três partes, tratando a primeira parte do índio, a segunda do negro e a terceira da sociedade, trabalhos que evidenciam o conhecimento do autor a respeito do que ele retratou.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; História; Identidade; Cultura e Requite.

1 INTRODUÇÃO

O início do século XIX fora um período rico em acontecimentos e em personagens históricos. Dentre eles, temos o período napoleônico e suas inferências expansionistas que reconfiguraram a geografia global e o cenário internacional, que mudou drástica e rapidamente, obrigando a realeza lusa migrar para ao Brasil.

Segundo Oliveira (2012, p.16) “as motivações para a transferência da família real da metrópole para sua colônia brasileira são bem conhecidas [...] incapaz de aderir ao boicote imposto por Napoleão, [...], a família real foge para o Brasil”.

Com a vinda da corte portuguesa à América, em 1808, transformações importantes ocorreram na colônia, entre elas a mudança de status do Brasil: de simples colônia de Portugal para Reino Unido de Portugal e Algarves, tendo como capital a cidade do Rio de Janeiro. D. João VI, então príncipe regente no lugar de sua mãe D. Maria, também incentivou e promoveu o desenvolvimento cultural e científico do Brasil para dar a ele um ar nobre, europeu, mais propício aos anseios da corte que viera acompanhar a família real. Nota-se que naquele momento, não havia em nosso país “universidades, nem tipografias, nem periódicos”. Além disso, “a instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos secundário, as bibliotecas eram poucas e limitadas aos conventos, o teatro era paupérrimo, e muito fraco o intercâmbio entre os núcleos povoados do país, sendo difícil a entrada de livros” (CANDIDO 2002, p.8-9).

As necessidades, portanto, eram muitas. Nesse sentido, o príncipe teve que instituir mudanças econômicas, sociais e culturais, além de criar diversas instituições, dentre elas bancos, faculdades, centros culturais, imprensa e fábricas. Criou ainda a o Teatro São João, em 1812, a Biblioteca Real com 60 mil volumes, o Observatório Astronômico, o Jardim Botânico e o Museu Nacional.

Começou o príncipe-Regente D. João pela nomeação [...], Investe nas áreas de educação e cultura, sendo a implantação de escolas de Medicina, da Biblioteca Real, do Jardim Botânico e da Academia de Belas Artes (VIANNA, 1972, p.218).

E em meio a esta conjuntura de transformações que o Brasil passava nas primeiras décadas do século XIX a fim de criar uma nova identidade e um novo caminho para romper com o paradigma



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

então vigente, D. João VI incentivou a vinda de profissionais de diversas áreas, de intelectuais e de um grupo de artistas com a missão de ensinar artes plásticas na capital do Reino.

Importante destacar que a Missão Artística Francesa fora organizada por Joaquim Le Breton (1760-1819) e composta por um grupo de artistas plásticos franceses, dentre eles Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e Nicolas Antoine Taunay (1755-1830). Debret, alvo de nossa análise, foi professor de História e artista plástico que a convite de D. João VI veio ao Brasil para criar a Academia de Belas Artes.

Tendo como base essa breve discussão contextual do Brasil das primeiras décadas do século XIX, apresentaremos a criação da Academia de Belas Artes do Brasil e a biografia de Jean-Baptiste Debret, para melhor situar o leitor a respeito das razões da criação da instituição e, também, da produção artística que naquele momento estava voltada à criação da identidade cultural da ex-colônia lusa. Na sequência, analisaremos alguns trabalhos expressados por Debret em *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839), bem como as contribuições do artista para o entendimento da história do nosso país na primeira metade do século XIX.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia coaduna-se com a intenção de focalizar a discussão em torno dos objetivos, mediante a pesquisa e inteligibilidade entre fontes imagéticas, historiográficas, artigos científicos e documentos de época, tendo sido o objeto principal a obra de Debret *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839). Além disso, utilizamos as obras pictográficas e em blog's, artigos e fontes online. Para isso, foram selecionados alguns trabalhos de Jean-Baptiste Debret, demonstrados na *Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1834-1839), e fontes escritas que tratam da realidade histórica do Brasil da primeira metade do século XIX. Feita a seleção, os elementos que aparecem nos desenhos do artista foram analisados a partir do confronto com as fontes escritas, a fim de explicá-los e entendê-los. Feito isso, desenvolvemos nossa interpretação sobre a realidade social, econômica, política e cultural do Brasil das primeiras décadas do século XIX, por meio das obras do artista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E A ACADEMIA DE BELAS ARTES NO BRASIL

Solicitada pelo Conde da Barca – iluminista maçom e ministro de D. João VI – ao Marquês de Marialva, embaixador de Portugal em Paris, a Missão Artística tinha como objetivo trazer para a ex-colônia do Brasil um grupo de artistas encarregados de organizar e criar uma Academia de Belas Artes. O Marquês de Marialva também angariou outros profissionais, como geógrafos, naturalistas, arquitetos, exploradores e botânicos que quisessem vir para o novo reino de Portugal na América, entre eles o botânico Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) (ALENCAR, ONLINE, 2006).

Formou-se, então, um grupo de renomados profissionais, a fim de fomentar a criação e desenvolvimento cultural, artístico e científico no Brasil. Nas artes, nota-se que os artistas eram de tendência Neoclássica, um movimento artístico que se destacou na Europa no contexto da segunda metade do século XVIII, período no qual o poder absolutista e privilégios aristocráticos que marcavam o Antigo Regime começaram a ser combatidos em face dos ideários revolucionários então nascentes. O Neoclassicismo, conforme Rodrigues (2015), foi um movimento que teve como principal proposta voltar à Antiguidade clássica – principalmente para a Grécia e Roma antiga, que pareciam configurar-se como exemplos de civilização moralmente superior – para desenvolver os trabalhos artísticos.



Os artistas plásticos da Missão Artística que chegaram ao Brasil a convite de D. João VI, sabiam do dever de contribuir para a criação da Academia de Belas Artes. Nesse sentido, em agosto de 1816, fundaram a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, transformada, em 1826, na Imperial Academia e Escola de Belas-Artes. Na composição de seus trabalhos, os artistas da Missão tinham a convicção de que a arte não deveria imitar a realidade, mas sim tentar recriar a beleza ideal, por meio da retomada dos clássicos, porém, adaptados a realidade histórica do Brasil das primeiras décadas do século XIX.

Com a chegada dos artistas franceses ao Brasil, Cortelazzo (2012, p. 106) afirma que a produção da arte e o ensino da arte sofreram mudanças.

A arte brasileira sofreu grandes mudanças após a chegada dos artistas franceses contratados para remodelar a imagem da cidade do Rio de Janeiro. Embora com clara pretensão política, a vinda desses artistas contribuiu para que a arte no Brasil passasse por transformações e o país negasse seu passado cultural, buscando a partir de então, inspiração na arte europeia.

Vemos no site da Academia de Belas Artes (online) que a Academia Imperial de Belas Artes foi fundada por Carta Régia (Decreto Real) de 23/11/1815 e abriu seus cursos em novembro de 1826.

3.2 JEAN-BAPTISTE DEBRET

Debret, nascido em Paris, em 18 de abril de 1768, de família de classe média, era um protegido de Napoleão, que permaneceu no Brasil durante quinze anos, no período entre 1816 e 1831. Mesgravis (2015, p.163-164) aponta que o artista se destacou desde sua chegada ao Brasil e “que foi convidado a retratar a família real[...]. Porém o mais marcante de seu trabalho tanto na época quanto em nossos dias, foram suas imagens do cotidiano e da população”.

Debret fora um historiador e pintor que fez sua própria leitura daquele Brasil, era um neoclassicista com influências românticas. Professor de história, observador e muito detalhista. O artista permaneceu em nosso país por 15 anos reunindo importantes obras, e com elas criou a coletânea “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”. (1834-1839).

Segundo Proença (2012, p 196)

A obra que realizou no Brasil foi imensa: cenas brasileiras, retratos da família real, [...]. Foi também professor de pintura histórica na Academia imperial de Belas Artes e realizador da primeira exposição de arte no Brasil, inaugurada em 2 de dezembro de 1829.

Sua arte revelava detalhes de nossa cultura e de nossa natureza com destreza, que permitem aos contempladores de seu trabalho o conhecimento de características importantes de nossa fauna, flora e história. Retratou, assim, os índios, os negros, o dia a dia nas ruas e na corte. Levou consigo à Europa sua coletânea de trabalhos e lá os catalogou, descrevendo detalhadamente e reunindo 150 telas organizou a obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.

Debret foi chamado de “a alma da Missão Francesa”. Em 1829, organizou a primeira exposição de arte no Brasil. Em 1818, trabalhou no projeto de ornamentação da cidade do Rio de Janeiro para os festejos da aclamação de D. João VI como rei de Portugal, Brasil e Algarve. Ele foi personagem histórico importantíssimo na formação de nossa identidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA FONTE



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Neste tópico analisaremos algumas das obras de Debret de acordo com estudiosos, historiadores e autoridades acadêmicas, a fim de propiciar maior compreensão de seu trabalho enquanto obra e, também, como fonte histórica iconográfica. De acordo com Pirele (2006, p 15)

[...] O artista foi o mais profícuo dos retratistas dos costumes do cotidiano em sua época. [...] Ao retornar á França, publicou a obra Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, de 1834 a 1839. A obra foi editada em fascículos mensais, formando três volumes. A popularidade da obra foi tanta que se chegou a produzir em Paris papel de parede com paisagens brasileiras desenhadas por Debret.

A obra de Debret fora inicialmente dividida em fascículos, até que tomasse o formato de 3 tomos, nas quais retratou magnificamente várias facetas brasileiras.

De acordo com Proença (2012, p.21)

Seu trabalho mais conhecido entre os brasileiros é uma obra em três volumes denominada Viagem Pitoresca e História ao Brasil, o primeiro volume de 1834, cujo o assunto são os indígenas brasileiros, contem 36 ilustrações que documentam seus usos e costumes. O segundo volume, de 1835, focaliza a sociedade do Rio de Janeiro e contem 48 ilustrações. O terceiro volume de 1839, é composto de 66 ilustrações com assuntos diversos/; paisagens do Rio de Janeiro, retratos imperiais, estudos de condecorações e plantas e florestas do Brasil.

O primeiro Tomo é formado por uma coletânea de 31 pranchas, sua publicação data de 1834. O cerne principal dá-se a respeito da geografia brasileira, sua flora e espécimes da fauna, retratando a diversidade de nossas paisagens e também ao índio, por meio de suas indumentárias, utensílios e fisionomia. As pranchas trazem muitas cores e demonstram a vida de nossa terra abundante e a força da cultura indígena, suas variadas tribos, formadas por homens e mulheres robustos e belos.

Esta obra contém tantas outras informações sobre a América Portuguesa, dentre elas, trata de estatísticas e traz um mapa hidrográfico brasileiro. Para a melhor compreensão da obra de Debret, selecionamos algumas pranchas, sua descrição e comentários.

A Prancha “A famigerada raça dos bugres” é apresentada por Debret com as seguintes palavras:

Ao caboclos que se vêm na prancha 6 habitam os arredores da aldeia de São Pedro de Cantagalo (RJ) e vivem quase sem indústria, apesar de civilizados, Executam apenas algumas tarefas. [...] a cena representa a chegada de dos viajantes europeus, introduzidos numa aldeia de caboclos por um caçador da família visitada [...] O chefe da aldeia, no fundo do primeiro plano, esta sentado no chão e cercado de jovens índios, ao qual deram uma garrafa de água ardente afim de lhe facilitar a recepção. [...] (VIAGEM PITORESCA AO BRASIL, 1989, p. 49



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

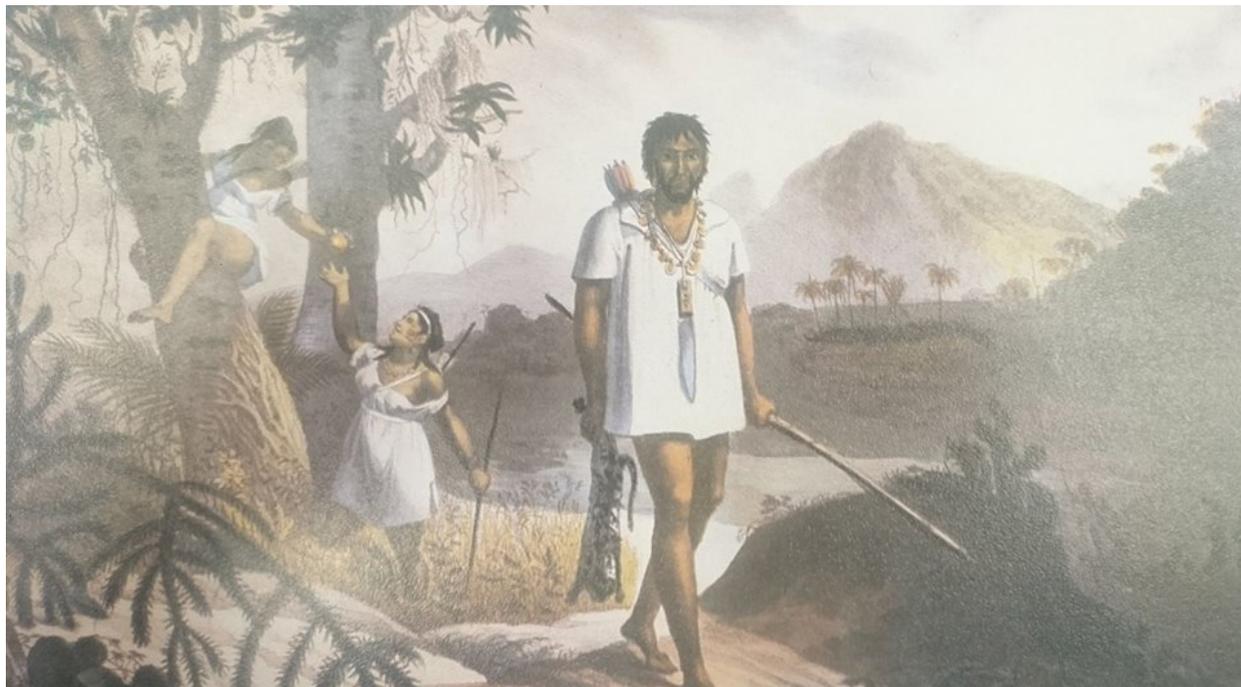


Figura 1: “A famigerada raça dos bugres” Tomo I, pg52, prancha 8
Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo II.

Esta prancha é riquíssima em detalhes, as expressões são notáveis, a diversidade das folhas chama a atenção.

Ainda no Tomo 1, notamos outras pranchas totalizando 31 obras com riquíssimos detalhes e expressões, tais como “Camacãs Caboclos ou índios civilizados”, Índios guianeses, Índios da missão de São José Mapa do Brasil Guaranis Cetos e vestimentas dos chefes selvagens Vegetais empregados como amarra ou amarrilho Conjunto de diferentes formas de choças e cabanas.

O Segundo tomo é formado por uma coletânea de 49 pranchas e sua publicação data o ano de 1835. Duas pranchas relatam sobre a chegada e aculturação de Debret em terras brasileiras, também sobre a cultura e fisionomia e as diferentes relações de trabalho, como é possível notar em seu discurso: “Eu me propus a seguir, nesta obra, um plano ditado pela lógica: o de acompanhar a “marcha progressiva da civilização no Brasil” (DEBRET, 1989, p 13).

Egydio e Aranha (2001), afirmam que o segundo Tomo o artista trata de temas como: usos e costumes dos brasileiros civilizados, sobre a população brasileira, o descobrimento do Brasil, a baía do Rio de Janeiro e diversas observações geográficas sobre várias províncias brasileiras, como do Pará, do Maranhão, do Piauí e do Ceará.

Temos a obra “O regresso de um proprietário” “*Retour d’ un propriétaire*” que é descrita por Debret da seguinte maneira

Esta litografia representa o regresso à cidade de um proprietário de chácara. Ao aspecto exterior do viajante carregado na rede, o brasileiro reconhece o honesto negociante de fazendas que, debaixo de sua simplicidade, esconde um rico capitalista, herdeiro de antiga família, cujo louvável luxo consiste em ter escravos bem-apessoados, gordos e limpíssimos[...] a casa do último plano pode dar uma ideia da situação e da arquitetura da residência de um proprietário de chácara ou roça (VIAGEM PITORESCA AO BRASIL, 1989, p. 86)



X
EPCC

Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

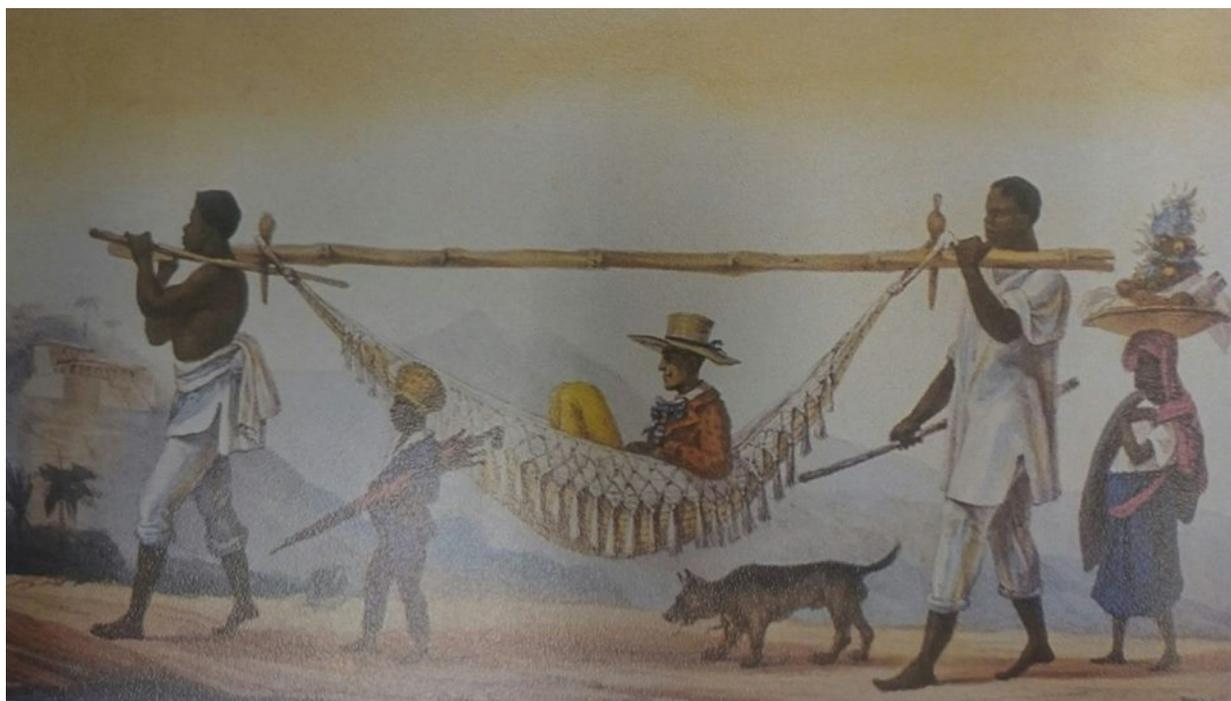


Figura 2: O regresso de um proprietário” Tomo II,pg84 prancha 15
Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo II

Em outras pranchas, que somam 54 neste volume, observar-se a vista da entrada do Rio de Janeiro; Um funcionário a passeio com sua família; Vasilhames de Madeira; Liteira para viajar no interior; Negros vendedores de aves; Mercado da rua do valongo; Regresso de negros caçadores; Feitores castigando negros; Moedas brasileiras; O cirurgião negro.

No terceiro Tomo, datado de 1839, o artista trata do homem branco, do europeu, do miscigenado que alcançou status de cidadão, da corte e da sociedade brasileira em formação.

Acerca da prancha “*Cenário para o Bailado Histórico*” (*Décoration du Ballet historique*) – pano de boca realizado por Debret para a apoteose de D. João VI no Teatro Real de São João, em 13 de maio de 1818 – podemos analisar Debret a partir de sua função de decorador ou cenógrafo oficial da corte. Na ocasião, o monarca haveria de receber inúmeras homenagens, e Debret foi convidado a ser o pintor para o pano-de-boca.

Debret escreve, 1989, p. 233- 234

A representação de 13 de maio de 1818, especialmente consagrada á comemoração solene da aclamação do Rei Dom João VI[...]contratou-o como pintor do teatro; foi assim que me coube entender-me como o poeta e mestre de bailados para executar o cenário do elogio desse dia solene. [...]A cena se passava sob a abóboda etérea onde a reunião dos deuses outorgava honras de apoteoses a esse episódio histórico. O mar formava o horizonte, justificando assim a chegada de Netuno com o pavilhão do reino unido; do outro lado, Vênus com sua concha marinha puxada por dois cisnes guiados por Cupido, conduzia as Graças, sustentando os escudos unidos e coroados, das duas nações recém alinhadas. Delfins moveis circulavam dentre os diversos planos do mar, parando no ultimo quadro para formar um caminho praticável às dançarinas que deveriam levar suas oferendas ao pé do altar de Himeneu, pintado no pano de fundo do palco. Esse grupo imenso da população de três reinos unidos, que se projetava artisticamente até o prosccênio para unir-se a guerreiros de todas as armas, produziu o maior efeito. Concomitantemente, nuvens isoladas suportavam Gênios animados dessas mesmas nações e povoam toda parte alta do quadro aéreo, inteiramente pintado em transparente, até o primeiro plano do teatro.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2



Figura 3: Cenário para o Bailado Histórico” Tomo IIIp 233 prancha 39

Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo III.

Nas demais pranchas, que totalizam 58, notar-se-á Organização judiciária do Brasil; Culto religioso; Resumo da história da literatura das ciências e artes do Brasil, uniforme dos ministros; Desembarque da princesa real Leopoldina; Catacumbas; Cortejo do batismo de dona Maria da Glória; Aclamação de Dom Pedro I, imperador do Brasil.

5 CONTRIBUIÇÕES DE DEBRET PARA O ENTENDIMENTO DA HISTÓRIA DO BRASIL DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Estudar, compreender e ensinar História são tarefas desafiadoras, aliado ao novo perfil discente, que compõe um cenário que envolva movimento, sons, dificuldade em prender a atenção e focar num só objeto/tema. Também que faz necessário por parte do docente e da instituição o conhecimento de novas tecnologias e as disponibilizar em sala. Segundo Cortelazzo (2012, p.10),

É importante que, ao trabalhar uma imagem, o docente disponha de conhecimentos suficientes a respeito dela, como a história da obra, os personagens que a compõem e o período no qual se enquadra, fazendo relações com acontecimentos históricos e com as características de cada período evidenciado na obra.

A marcante característica do trabalho de Debret é o fato de que suas imagens revelam a história da vida urbana brasileira do início de século XIX, com uma atenção especial à vida na corte do Rio de Janeiro. O artista narra em forma de imagens também São Paulo e as províncias do sul, as quais Debret só visitou nos seus últimos anos neste país. Ele foi minucioso no registro do cotidiano brasileiro. Seus desenhos apresentam e informam muito a respeito de como a população



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

se vestia, trabalhava, se divertia, os costumes religiosos que apresentava e como eram enterrados ricos e pobres, os livres e os escravos, os mestiços e os europeus.

Em seus desenhos, a arquitetura das cidades e a paisagem também foram detalhadamente relatadas. Quanto às florestas virgens, as folhas, folhagens, diferentes tons de verde, diferentes tons de vermelho das plantas também tem por parte do artista uma descrição harmoniosa e elaborada. Quanto as tribos indígenas, elas foram retratadas muito mais a partir de pesquisas em museus e nas obras de outros viajantes, uma vez que Debret pouco se afastou da paisagem urbana do Rio de Janeiro.

Por toda essa riqueza, *Viagem Pitoresca* não apenas contribuiu para divulgar nosso país nos círculos cultos europeus, mas, ainda hoje se revela uma obra feita para o Brasil e os brasileiros, na qual Debret deixa transparecer sua forte relação pessoal e emocional com o país. Em suas telas, mediante a litografia, nossa natureza tropical e sua riqueza e diversidade ganharam vida e maravilham pessoas em todo o mundo, assim como sua interpretação do Brasil despertou curiosidade e admiração.

Gilberto Freire em sua obra *Casa Grande e Senzala* faz uso de “Visita a uma fazenda” de Debret para ilustrar o capítulo I de seu livro, intitulado Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. Freire (2006), ainda na mesma obra, ilustra o capítulo IV com o escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro com a tela “Vendedor de Flores no domingo”.

O documentário reunido primeiramente nos primeiros 3 volumes, 1834-1839 fora posteriormente acrescido do volume IV, composto pelas aquarelas da coleção Castro Maia.

6 CONCLUSÃO

O emprego da arte na educação está diretamente ligado à função que a arte exerce em nosso cotidiano, pois

[...] é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização [...] o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências.[...] (FERRAZ; FUSARI. 2009, p 18)

Em Bartlett apud Read (2001, p, 55) vemos que

Ficará claro que acredito, com toda a certeza, a imagem é, em geral, relevante para o processo do pensamento. Na verdade, eu iria mais longe, dizendo que, na medida em que a forma do pensamento deve receber material genuíno com o qual possa trabalhar, mais e mais imagens devem ser utilizadas em nosso processo de pensar.

A prática da interdisciplinaridade na educação tem sido importante instrumento na intermediação do conhecimento. Neste trabalho a proposta fora de aliar História e Arte. O objeto de estudos fora a obra de Debret *Viagem Pitoresca e História ao Brasil* (1834 – 1839) e por meio deste ensaio pudemos compreender a história do Brasil no início do século XIX, dentro do recorte temporal que vai do Bloqueio Continental de Napoleão e sua tentativa de invasão às terras portuguesas – que datam do início do século XIX até o período que antecede a Revolta do Porto ocasionando a volta de Dom João VI à Portugal, 1821 – discorreremos brevemente sobre o contexto social e cultural pelo qual a principal colônia portuguesa na América vivia. Vimos que muitas foram as ações por parte de Dom Joao VI para que a corte Portuguesa pudesse se instalar neste recém reino com toda pompa e circunstância.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Debret, através da iconografia criou um acervo histórico considerado fonte material de nossa cultura. Nos 15 anos em que permaneceu no Brasil produziu um grande número de pinturas, desenhos, retratos e, voltando à França organizou sua obra, inicialmente em fascículos, na coletânea intitulada “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, 1834-1839, dividida em três tomos (PROENÇA (2012)). Retratou em seu primeiro tomo nossa flora, fauna, nossos negros da terra, tanto em sua aparência quanto em traços culturais, também o negro no Brasil e facetas de sua aculturação no segundo tomo e, por fim, destinou o terceiro tomo de seu trabalho à corte, à sociedade, ao dia a dia.

Das nossas paisagens naturais mais singelas as mais coloridas, das casas mais simples ao arranha céus e instituições governamentais. Instrumentos de caça, guerra, vasos,oringas, penachos, colares, vestimentas, folhagens, riachos nada passou despercebido pelo artista, metuculoso em tudo que fez. Jean Baptiste desconstruiu a ideia de que o Brasil era um terreno inóspito e selvagem, que sua gente e sua cultura eram tão somente embasadas em costumes dos bugres, dos nativos.

Muito mais do que retratar através da iconografia, Debret fez parte da formação cultural brasileira, desenhou nossa primeira bandeira, fez parte da fundação da Academia de Belas Artes, forjou artistas, foi peça chave na construção do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. O francês deu toques de requinte aos nossos palácios, nossos teatros, retratou importantíssimos eventos históricos tais como as exéquias da rainha, a coroação de D. Joao e o casamento de D. Pedro I. Seu trabalho metuculoso desde suas pesquisas, viagens e em tudo que viveu no Brasil, ilustra, fascina, atrai a atenção e o encantamentos dos leitores, estudiosos, acadêmicos e artistas que se buscam conhecimento e apreciam a arte. E também configura importante papel no ensino de História no Brasil, sendo instrumento de estudos e fonte material de nossa cultura, tendo suas pranchas utilizadas para ilustrar momentos históricos e tantos outros aspectos do Brasil do início do século XIX. Debret imortalizou o Brasil daquele momento.

Entendemos que a História do Brasil contata através da obra de Debret (1834-1839) traz aos alunos grandes ganhos culturais e históricos e encerramos este breve ensaio com a seguinte citação de Ferraz e Fusari, 2009, p.19:

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, [...] o educando amplia a sua concepção da própria arte e aprende a dar sentido a ela. Desse convívio decorrem, portanto, conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, [...]

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valéria Peixoto de. **Missão artística francesa (1):** Influências na arte brasileira no século 19. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/missao-artistica-francesa-1-influencias-na-arte-brasileira-no-seculo-19.htm>>. Acesso em: 09 de março 2017.

CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil**, São Paulo, Humanitas/FFLCH, 2002.

CONFORTO, Marília. **O escravo de papel: o cotidiano na literatura do século XIX**. Caxias do Sul, RS: Edusc, 2012.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

CORTELAZZO, Patrícia Rita. **A História da Arte por meio da leitura de imagens**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo I**. São Paulo: Ed da USP, 1989.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo II**. São Paulo: Ed da USP, 1989

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Tomo III**. São Paulo: Ed da USP, 1989.

DUARTE, J. Renato A. **Academia Real de Belas Artes e sua História no Rio de Janeiro**. Disponível em <<http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/academia-belas-artes.html>> Acesso 20/02/2017.

Escola de Musica e belas Artes do Paraná. **Histórico**. Disponível em <http://www.embap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=125> Acesso 20/02/17.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de Arte. Fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortes, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

JUNIOR, Hermes. **A desigualdade expressa num simples jantar colonial. 2011**. Disponível em <http://historiaporimagem.blogspot.com.br/2011/10/jean-baptiste-debret-um-jantar.html> acesso 16/02/17

LEITAO, Mercia; DUARTE, Neide. **Um fotógrafo Diferente chamado Debret**. São Paulo. Ed do Brasil, 1996.

MESGRAVIS, Laima. **História do Brasil Colônia**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOREIRA, Cláudia R. B. Silveira. **História do Brasil**: sociedade e cultura. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Capítulo 4: Arte e sociedade no Brasil dos séculos XIX e XX)

OLIVEIRA, Dennison de. **História do Brasil**: política e economia. História do Brasil: sociedade e cultura. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Capítulo 1: Liberalismo e Conservadorismo no Império).

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática. 2003.

READ, Herbert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. HISTÓRIA BELAS ARTES. Disponível em <http://www.belasartes.br/site/belasartes/institucional/historia>. Acesso 20/02/2017.



X
EPCC

Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

TREVISAN, Anderson Ricardo. **A Construção Visual da Monarquia brasileira**: Análise de Quatro Obras de Jean-Baptiste Debret. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_jbd_art.htm#_edn2. Acesso 13/02/2017.